

Milho transgênico cresce no País

A safra atual envolve 87 cultivares de milho com resistência a insetos derivada de eventos transgênicos, ou seja, quase um terço das cultivares convencionais

JOÃO CARLOS GARCIA E JASON DE OLIVEIRA DUARTE

O Brasil está finalizando o plantio da primeira safra, em que a tecnologia dos OGMs (organismos geneticamente modificados) tem condições de ser utilizada de forma significativa pelos produtores de milho, após a batalha travada até sua autorização pelos órgãos públicos.

Para a safra de verão de 2009/10, no Centro-Sul, ficou disponível o fornecimento adequado de sementes de milho, o que envolveu 87 cultivares de milho com resistência a insetos derivada de eventos transgênicos, o que, ao lado de 225 outras cultivares convencionais, ofereceu um abrangente leque de escolha para os agricultores.

Os dados mais confiáveis sobre a quantidade comercializada de sementes de milho no Brasil são compilados pela APPS-Associação Paulista dos Produtores de Sementes e Mudanças, a partir de informações fornecidas pelas principais empresas produtoras de sementes de milho. A partir dessas informações, é possível derivar algumas características que irão condicionar o desenvolvimento da tecnologia dos transgênicos no mercado de sementes de milho no Brasil.

Deve-se ressaltar que as informações disponíveis se referem principalmente a lavouras de milho localizadas no Centro-Sul do Brasil, tendo em vista que as lavouras de milho do Nordeste (à exceção de parte da Bahia, do Maranhão e do Piauí) são plantadas somente nos primeiros meses de 2010.

A primeira característica marcante é a concentração dos transgênicos de milho em sementes de híbrido simples, já que uma quantidade reduzida de sementes de híbridos triplos foi comercializada. Embora o híbrido simples ocupe uma parcela cada vez maior no mercado de sementes no Brasil (nos EUA e na Argentina, domina praticamente todo o mer-

cado), ainda existe um grande percentual de área plantada com híbridos duplos e com triplos e variedades, além de uma parcela difícil de ser avaliada, que diz respeito aos plantios com sementes dos próprios agricultores, o que de certa forma estabelece um teto para a penetração dos transgênicos.

O percentual do mercado de sementes atendido com híbridos simples varia entre estados: 93% na Bahia (região de Barreiras); 72% em São Paulo e em Goiás; 70% no Paraná;



O plantio de cultivares transgênicas está mais presente nos estados do Sul

57% em Minas Gerais; 50% em Santa Catarina; e 46% no Rio Grande do Sul. Somente essa dispersão ilustra a forma como a tecnologia poderá se disseminar entre os agricultores em diferentes regiões.

EFEITO PREÇO DA SEMENTE - Um aspecto interessante é verificado em estados como Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Nestes, a participação dos híbridos triplos transgênicos no total comercializado é relativamente mais elevada (13 e 15%, respectivamente para o RS e SC), indicando que o efeito preço da semente pode exercer um papel relevante

para alavancar o uso das cultivares transgênicas em regiões com menor utilização de híbridos simples.

Ainda com relação ao efeito preço da semente, existem informações sobre redução de preços em negociações individuais para compra de sementes de milho transgênico para uso na safrinha, efetivamente, reduzindo o valor referente ao custo da tecnologia.

Outro aspecto importante se refere à gravidade dos danos causados por insetos controláveis pelos eventos transgênicos. Em regiões onde esses danos são menos relevantes ou os insetos-praga são passíveis de serem controlados a um custo relativamente baixo, a difusão das cultivares com características transgênicas pode apresentar menor dinamismo. Uma forma de verificar tal situação é quantificar, nos dados da APPS, a porcentagem de sementes de híbridos simples comercializadas que apresentam eventos transgênicos em cada estado.

O resultado também varia: 64% em São Paulo; 60% na Bahia (região de Barreiras) e em Goiás; 55% em Minas Gerais; 50% no Paraná; e ao redor de 43% no RS e em SC. Esse resultado retrata melhor o comportamento de adoção dos agricultores, pois considera um ambiente mais homogêneo (especificamente, o dos agricultores que adotam a tecnologia dos híbridos simples). Nesse caso, aparentemente existem regiões onde, dentro de um mesmo padrão tecnológico, as cultivares transgênicas seriam de mais interesse para os agricultores.

Combinando os dois aspectos, a participação das cultivares transgênicas na safra de verão no Centro-Sul do Brasil chegou a 33% das sementes vendidas. Essa adoção variou entre estados: 50% em São Paulo; 45% em Goiás; 37% no Paraná; 33% em Minas Gerais; e entre 22% e 25% no RS e em SC. Algumas correções são necessárias, se considerarmos que ainda existem agricultores que utilizam as sementes "de paiol", que reduziram um pouco o percentual.

De qualquer forma, é um bom indicativo do início da difusão da tecnologia transgênica, no caso do milho no Brasil. Falta avaliar o comportamento na safrinha, mais isto somente será possível após o fechamento das informações para verificação do interesse dos agricultores, frente às condições de produção que ocorrem nesta época de plantio.

Mesmo assim, a difusão da tecnologia de OGMs no Brasil apresenta um desempenho muito superior à verificada em outros países. No caso dos Estados Unidos, o percentual ao redor de 30% somente foi alcançado seis anos após as primeiras liberações e, na Argentina, este foi alcançado três anos após o lançamento das cultivares transgênicas de milho. ■

João Carlos Garcia e Jason de Oliveira Duarte, pesquisadores da área de economia agrícola da Embrapa Milho e Sorgo, de Sete Lagoas-MG.